

Em discurso na ONU, presidente do Irã acusa EUA e Israel de terrorismo

Masoud Pezeshkian exibiu fotografias de crianças iranianas mortas em ataque a escola de Minab

Por **Manoella Smith (Folhapress)**

O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, fez um discurso duro na Assembleia Geral da ONU nesta quarta-feira (23), em Nova York, em que afirmou que Teerã não abrirá mão de seu programa nuclear, acusou Estados Unidos e Israel de terrorismo e levou fotografias de crianças iranianas mortas na guerra. A delegação dos EUA se retirou da plenária durante o discurso.

Na véspera, Donald Trump voltou a ameaçar destruir a população do Irã durante seu discurso. O americano disse que tem uma decisão importante a tomar: firmar um acordo com o país persa ou “aniquilar a República Islâmica e fazer isso rapidamente”.

Pezeshkian afirmou que Teerã “não pode ser forçado a se render”. “Provamos que não temos medo de lutar, de enfrentar uma guerra. Defenderemos nosso amado Irã até nosso último suspiro.”

O presidente levou fotografias de crianças mortas em um bombardeio contra uma escola em Minab, no sul do país, e criticou os ataques a estruturas civis. “Vocês veem essas crianças? Elas pereceram sob bombas e armas utilizadas pelos EUA e por Israel. Elas eram inocentes.”

No episódio, um dos mais sombrios do conflito atual,



Na véspera, Trump voltou a ameaçar aniquilar Teerã enquanto representantes dos dois países retomavam conversas

120 crianças morreram. Na semana passada, uma missão de investigação da ONU afirmou ter motivos razoáveis para acreditar que os EUA estão por trás dos ataques, e que esses atos constituíram crimes de guerra. O Pentágono se recusou a comentar, e a Casa Branca rebateu as acusações atribuindo a culpa ao próprio Irã e criticando o trabalho da ONU.

Nem os EUA nem Israel assumiram a autoria do ataque, mas organizações de defesa

dos direitos humanos, entre elas a Anistia Internacional e a Human Rights Watch, também atribuíram o bombardeio a Washington. O jornal The New York Times, com base em autoridades americanas e pessoas próximas à investigação, apontou um erro de mira por parte das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Pezeshkian, na ONU, disse que os iranianos foram vítimas de terrorismo e genocídio. “Só nos defendemos. Não somos terroristas. Não

atacamos populações civis”, afirmou. Ele declarou que o país “busca apenas viver de forma independente”.

O presidente iraniano não mencionou a repressão a protestos contra o regime. Não há levantamento oficial das vítimas, mas a estimativa é de que tenham sido milhares de mortos. A ONU também aponta indícios de crimes contra a humanidade na resposta de Teerã contra sua própria população.

Na tribuna da ONU, Pezeshkian exibiu um retrato

de Ali Khamenei, ex-líder supremo morto no primeiro dia de conflito, afirmando que o aiatolá foi assassinado “sem qualquer respaldo ou justificativa legal”. Disse ainda que não aceitará que a tecnologia nuclear fique restrita a “um punhado” de países.

“Não vamos baixar a cabeça e abrir mão de um direito que é nosso”, afirmou, acrescentando que o país não busca armas nucleares.

Para o iraniano, as questões do Oriente Médio devem ser “resolvidas na própria região”, sem que elas se tornem “um brinquedo nas mãos de agressores externos”. Ele disse que Teerã não sucumbirá ao bloqueio a portos iranianos no estreito de Hormuz e que a paz duradoura na região é impossível “sem justiça para a Palestina”.

Pezeshkian encerrou o discurso com uma mensagem direta a Trump. Segundo ele, o americano “deve saber que a resistência do povo iraniano só aumentará diante de sanções, do aumento da pressão e da intensificação das intimidações”.

“Nós nunca baixaremos a cabeça nem nos ajoelharemos”, afirmou. “O Irã precisa deixar claro para o senhor Trump e para aqueles que tentam nos intimidar que estamos prontos para o diálogo e a diplomacia, mas sem aceitar a linguagem da força.”

Trump ressuscita ‘Otan da América Latina’ no cerco à região

Por **Igor Gielow (Folhapress)**

O governo de Donald Trump ressuscitou um instrumento fracassado da Guerra Fria em sua ofensiva para asseverar o que considera direito dos Estados Unidos de controlar a segurança das Américas.

Diplomatas americanos invocaram o Tratado do Rio como justificativa formal para a classificação de terrorista dada a grupos criminosos como os brasileiros PCC e Comando Vermelho na terça-feira (23) pelos EUA e outros 14 países latino-americanos.

Assinado em 1947 então por 19 países, o documento antecipou em dois anos o Tratado do Atlântico Norte, que deu origem à aliança militar mais importante do mundo, a Otan, que

visava conter o avanço soviético na Europa após a Segunda Guerra Mundial.

Ele prevê a assistência mútua em caso de agressão ou ameaça. Foi invocado algumas vezes, e só teve sucesso pleno na exclusão de Cuba das organizações interamericanas durante a Crise dos Mísseis de 1962, a pedido dos EUA.

Washington também foi bem-sucedida em lograr apoio quase unânime nos ataques da Al Qaeda de 11 de setembro de 2001, mas foi apenas um gesto político, sem consequências práticas. Com a evolução posterior da dita Guerra ao Terror, membros como o México deixaram o tratado. O Brasil segue nele.

Em outras ocasiões, Washington empregou o texto para

dar respaldo a ações militares em países como Nicarágua e Panamá, gerando resistência dos integrantes do tratado e alimentando a noção de que ele só servia a interesses americanos.

Apesar de apelidada de Otan da América Latina, há diferenças entre a aliança transatlântica e o papel de 1947, que nunca constituiu uma organização armada. Além disso, o grupo do sul não pressupõe decisões unânimes para agir: bastam 2/3 de votos no chamado Órgão de Consulta.

É exatamente esse placar aferido quando se cruza a lista de integrantes do tratado com a de signatários da declaração de terrorismo da terça, mas até aqui é incerto como isso será visto pela OEA (Organização dos Estados Ameri-

canos), outro ente acusado de ser manipulado por Washington ao longo da história.

Ela é a gerente, por assim dizer, das decisões do Órgão de Consulta. Já os 15 países sob Trump integram o chamado Escudo das Américas, iniciativa lançada neste ano para unir governos de viés populista de direita em torno de uma agenda comum na área de segurança.

Ele é instrumento para a aplicação da diretiva de domínio hemisférico descrita na Estratégia de Segurança Nacional do americano.

Em seu discurso na abertura da Assembleia Geral da ONU na terça, Trump equiparou os cartéis da América Latina aos terroristas do Estado Islâmico, e ameaçou voltar a fazer uso da

força na região —além de atacar barcos do tráfico, ele capturou o ditador Nicolás Maduro na Venezuela em janeiro.

Para o americano, o foco renovado na região também ajuda a desviar a atenção de seu fracasso até aqui na campanha contra o Irã, um tema incômodo nas eleições legislativas de novembro nos EUA.

Já o último grande governo à esquerda na região, sob Lula, desconfia abertamente que a pressão sobre a área de segurança no Brasil vise ajudar a candidatura rival de Flávio Bolsonaro (PL) na eleição presidencial de outubro.

Trump já vive disputas comerciais com o petista, que por sua vez tenta explorar o sentimento de defesa da soberania em sua campanha eleitoral.